

## BorderCrossings

## Retratos açorianos

Suporte precioso onde a Vida se instala,/desdobrando-se em tons e sons num/cântico de Primavera, onde nascem e vivem Poetas.

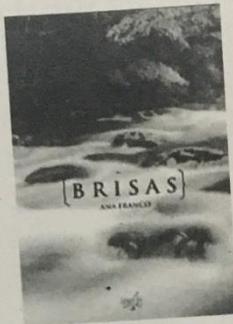
Ana Franco, Brisas

VAMBERTO FREITAS

Vai aí na íntegra o poema de abertura, significativamente intitulado "Onix", desta singular viagem pela terra e pelo mar dos Açores, onde a bondade da sua natureza se alia à indelével memória da sua autora no seu regresso à natureza, aos amigos e a outras pessoas que lhe deram sentido à vida e lhe moldaram a sua visão a partir de mundos muito mais vastos e humanamente complexos do que as pequenas ilhas do nosso arquipélago. Ana Franco reside desde há muito em Lisboa, e foi no continente que ela criou e desenvolveu toda uma carreira no ensino e nas artes plásticas, particularmente na sua colaboração ou protagonismo em exposições de grande alcance e originalidade, como foi o caso que ela nos relembra quando o escritor Alçada Baptista a chamou a participar no programa "Nós e os Laços", e em que ela deu a sua "visão sobre a importância da Arte na Vida Quotidiana portuguesa". Não me espanta o romantismo implícito nestes poemas de *Brisas*, e muito menos o trabalhar a memória através de palavras semanticamente carregadas ante a natureza que rodeou a sua infância na ilha, e particularmente ante figuras da família ou amigas que também lhe moldaram o seu modo de ser e estar nas suas vivências em espaços metropolitanos bem mais vastos e humanamente muito mais complexos do que uma pequena sociedade onde escorre sangue comum nas veias de quase todos, onde se nasce e morre ao lado dos que conosco partilham uma rua ou bairro, todo um destino. Estes poemas da nossa autora tardaram, mas a vida comanda as nossas vontades. Chegamos todos a uma idade em que vivemos as mais inesperadas circunstâncias – a mais forte das quais está expressa num belo poema que prefiro não ler outra vez ou citar pela proximidade pessoalíssima em que esses versos me colocam – e que tornam inadiáveis a palavra que, a um só tempo, expressa boa parte da vida interior, e pode ser interpretada também como uma mão estendida a todos os outros que a encontram nas suas páginas. Antes de mais, quero reafirmar o que sempre nos foi evidente na nossa modernidade, quer a modernidade da vida, quer na literatura – o tema todo poderoso foi sempre o regresso a casa, real ou metafórico, esta necessidade de nunca decepar as nossas raízes, de nunca deixarmos de cultivar os nossos jardins. Um crítico americano lembrava-nos ainda há poucos dias que James Joyce abandonou Dublin para depois passar a vida a revivê-la e a transfigurá-la na sua obra; William Faulkner nunca quis sair de casa, e fez de um pequeno espaço um universo inteiro onde a condição humana é representada universalmente, em todo o

seu esplendor e miséria; entre nós, Vitorino Nemésio faria o mesmo a partir do continente, em praticamente toda a sua obra e nos seus frequentes regressos à Praia da Vitória. Os escritores da minha geração seguiram-lhe os passos, mesmo que alguns deles o neguem por razões que Freud já conhecia muito bem. Redefiniram, estes, a terra e o seu tempo, por vezes obsessivamente. João de Melo mitificou a açorianidade dentro da sua própria modernidade literária, e Emanuel Félix na poesia carregou-a ainda mais de solidão e poiso dos vencidos inconformados.

Nesta obra de Ana Franco temos palavras e expressões recorrentes – que António Rego, prefaciador destas páginas, também assinalou no seu texto – que anunciam ou denotam de imediato a sua temática poética, uma sequência que mais parece uma exposição de quadros ou uma sinfonia da terra atlântica: basalto, paleta variada, água, orvalho, arte e artistas, música, silêncio. Tida a sua poesta parece essa tela que tem como centro e margens a própria ilha envolta num levisimo toque sensual que o seu orvalho refresca e como que cristaliza nas folhas das árvores e nas pétalas das flores, as formas, as cores, os cheiros, a sombra da ilha-mulher perfilada nesta que é a sua pintura sublime. Quase venos em cada verso os próprios movimentos dos dedos da artista na orientação dos pincéis, transmitindo-nos o canto dos pássaros e os sons das suas linguagens enquanto nos pisca o olho para atentarmos nos seus constantes estados de alma, que oscilam entre a tristeza de grandes perdas humanas e a alegria de pertencer a uma pequena terra sempre presente no mosaico das suas recordações, na saudade ora transfigurada num sorriso ora numa lágrima e no choro de quem sabe que estamos numa viagem cujo regresso só poderíamos acontecer através da arte, que nos sobrevive e para sempre testemunha o que nos sucedeu, simplesmente. Um primeiro livro raramente é um primeiro livro, quando o escritor ou poeta vai escrevendo e arrumando essas páginas em gavetas, tira e recompõe, elimina e adiciona. Então, *irrompe a palavra/que jorra dentro de mim/amarfanhada pelo tempo/que não lhe pode dar*, escreve em "Deem-me Natureza, Silêncio". *Brisas* contém versos que datam dos anos 90 e chegam até aos nossos dias. Publicar um livro de poemas será sempre essa vontade de partilha, uma vez mais, a ofrenda de quem não está nem quer estar só. Os Açores poderão sofrer de carências várias que provêm das suas circunstâncias históricas e da geografia accidental que nasceu do fogo repartida entre si, mas desde os seus primeiros dias foi uma terra contada pelos seus poetas, re-



presentada pelos seus artistas que nunca deixaram de lhe ser fiéis, a distância agudizando ainda mais a necessidade de a viver e reviver. Como diria um dia o florentino Pedro da Silveira, poucas são as terras de dimensões semelhantes que têm sabido insistir na sua presença e na universalidade da condição que nos foi dado viver, e que Raul Brandão chamou de "solidão paurosa" em *As Ilhas Desconhecidas*. Chegamos à contemporaneidade não como meros súbditos de certos poderes, mas sim como sujeitos e construtores da sua multissécula sociedade. De "Auto-Retrato": *se eu/fizesse/um auto-retrato/uma gota/de orvalho/seria./Porque nada/da Vida/da natureza/e da Arte/tingir queria*. Falo aqui ainda numa sensualidade que tem a ver com o prazer que adivinhámos no próprio olhar lento de escrever, ou nas palavras de uma voz serena mas firme, um gesto de sedução ou de comovida sensação ao transfigurar o que a poeta ama na vida que lhe deram e dão os que a acompanham nessa tal viagem de perpétua descoberta e sentido de pertença, antes deste chamamento das suas origens nas ilhas açorianas. Na verdade, *Brisas* retoma e recupera, num tempo de cinismo e medos de toda ordem, os Açores cuja beleza natural se contrapõe à sua História menos feliz e segura, essa geografia de tremores de terra e mar de chumbo por entre o mais azul dos horizontes e os sonhos das nossas navegações rumo ao outro lado.

"Nem digo por palavras minhas – escreve António Rego no prefácio – o que contém este livro. Roubo palavras soltas que se espalham por estas páginas. Onix. Açores-contas enfiadas pelo mar dentro. Nascentes límpidas, lava que esculpiu o mar, o silêncio, as neblinas, a brisa e as brisas, o açoriano irrepitível que vagueia pelo mar ao sabor do vento. O mar – a grande estrada por vezes de crinas brancas, o basalto, rocha forte, filha das forças da natureza. A água respiração da terra, a

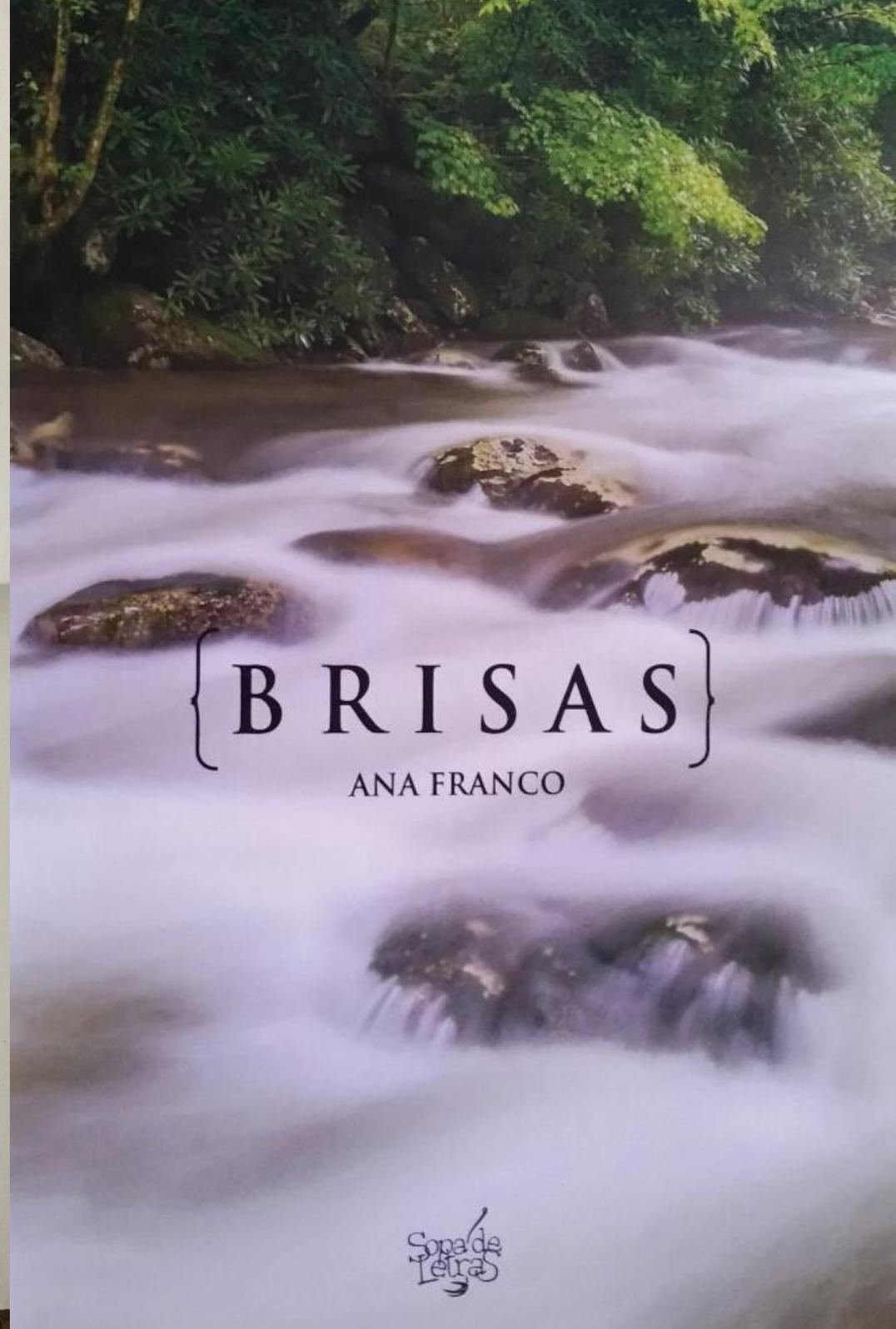
cascata que não se sabe se canta ou reza. E o orvalho, iris da natureza que é para a terra o que as estrelas são para o céu. E as árvores que falam e as hortênsias que preferem o silêncio".

*Brisas* é uma esplêndida litania à natureza dos Açores, e, nas suas últimas páginas, uma homenagem a algumas das figuras que entraram e ficaram na vida da poeta, uns família, outros reconhecidos pela sua actividade pública ou ligada aos ritos e à religiosidade mais comoventes do povo açoriano. Estes são os seus poemas de amor e gratidão a um destino em que a dor afina, ainda mais, o amor, parafraseando a própria autora. Quando a poeta escreve *Dentro de Nós/há sempre Primavera/na idade/no sorriso/tal como nas estações*, lembro-me de como Herman Melville escreveu "Novembro no coração" para metaforizar o estado de espírito do seu personagem maior, Ismael, antes de se fazer ao mar e às lides de homens bravos.

Não sei se haverá muitas outras gentes que *vivem em atenção permanente aos humores do tempo como nós açorianos, atentas a cada mudança da luz no céu ou da cor no mar*. Quedamo-nos para depois explodirmos ao som de música e foguetes (como alguém também disse sobre outra terra) quando o sol brilha e as noites ficam banhadas no luar de Agosto. A poesia celebratória da terra e do seu povo já é pouco comum entre nós, mas creio que palavras como as de Ana Franco vêm relembra-nos de como olhar em nosso redor e voltar a apreciar a beleza de cada recanto, o contraste absoluto com a dita civilização de betão e muito rancor cidadão. Diria ainda que parte da nossa civilidade requer de quando em quando essa apreciação da divina que é este *Rosário de contas/pelo mar estendido*, nos versos de abertura do poema precisamente intitulado "Açores".

De resto, falta dizer que a arte, literária ou outra, não recupera as nossas maiores perdas na vida, que é sempre a morte ou o afastamento dos que nos amam e amamos. No entanto, a literatura é esse outro acto contra o esquecimento, é repita-se, a memória transfigurada de quem fomos e somos, de como vivemos e sobrevivemos em comunidade num determinado tempo e lugar, é a narrativa que se transforma no elo ou memorial mais poderoso das gerações que se seguem e cuja identidade os aproxima irremediavelmente de nós. É essa, creio, a mensagem maior de *Brisas*, a palavra poética como testemunho de um destino comum, que é o da autora e o nosso. \*

Ana Franco, *Brisas*, Cascais, Principia, Editora, Lda., 2016.



# BRISAS

ANA FRANCO